

Panel Three: Inhabited Geographies of Life Writing

Moderator: Craig Howes

T. Trimble, U of Toronto [s.trimble@utoronto.ca]

Writing through the Walls: Shirley Jackson, House/Wife

Shirley Jackson's writing career was haunted by questions of genre. The mid-century New England writer is best known for her eerie novels about women whose selves splintered under the pressure of the houses they inhabited—a story famously told in *The Haunting of Hill House* (1959). But she also wrote humorous sketches of family life for popular women's magazines, selections of which she collected into the memoirs *Life Among the Savages* (1953) and *Raising Demons* (1957). As Jackson biographer Ruth Franklin (2016) observes, this supposed schism bothered critics, who regularly commented on Jackson's split writer/housewife persona. But Jackson's memoirs sound some of the same uncanny notes as her fictions—a new family home “insists” that the furniture is arranged just so—and her fictions derive their creeping dread from the writer's experiences of the everyday violence of small-town life and the patriarchal family form. Shirley Jackson's generic dexterity results in a body of work that depicts the family home as a locus of warmth, comfort, imagination, constraint, and entrapment—an undecidability mirrored in the writer's own struggles with agoraphobia near the end of her life.

Beginning with “an expanded concept of the autobiographical signature or trace” (Brophy and Hladki 2014, 6), this paper reads across the generic seams of Jackson's writing. Articulating key scenes from her memoirs with details from her two final novels—*Hill House* and *We Have Always Lived in the Castle* (1962)—I frame Jackson as reaching towards a new “home” capacious enough to give her multiple, conflicting selves room to breathe. Following Marlene Kadar (1992), I argue that Jackson's writings “manifest various subject-locations for the self to inhabit” (131). By endlessly revising the story of a woman and a house, she conjures “witchy” new feminine subjectivities—and worlds inventive enough to house them.

Sexo e gênero nas Américas: escrevendo através das paredes: Shirley Jackson, dona de casa/esposa

A carreira da escritora Shirley Jackson foi assombrada por questões de gênero. A escritora da Nova Inglaterra de meados do século XX é mais conhecida por seus romances assustadores de mulheres assombradas por fantasmas nas casas onde moravam — uma história famosa é contada em ‘The Haunting of Hill House’ [lançado no Brasil como ‘Assombração na Casa da Colina’] (1959). Mas ela também escreveu bem-humorados esboços da vida familiar para revistas femininas populares, seleções do que ela extraiu de suas próprias memórias, ‘Life Among the Savages’ [‘Minha Vida Entre os

Selvagens’] (1953) e ‘Raising Demons’ [Criando demônios, em tradução livre] (1957). Como observa a biógrafa de Jackson, Ruth Franklin (2016), esta suposta cisma incomodava os críticos, que regularmente comentavam sobre a personalidade de Jackson, escritora e dona de casa. Mas as memórias de Jackson soam algumas das mesmas notas estranhas que suas ficções — uma nova casa de família "exige" que os móveis sejam arranjados com simplicidade —, que derivam seu medo arrepiante das experiências diárias de violência de cidade pequena e da forma patriarcal de família. A destreza genérica de Shirley Jackson resulta em um corpo de trabalho que retrata a casa da família como um locus de calor, conforto, imaginação, constrangimento e aprisionamento — uma indecidibilidade espelhada nas próprias lutas da escritora com a agorafobia, já perto do fim de sua vida.

Começando com "um conceito ampliado de traço ou assinatura autobiográfica" (Brophy e Hladki 2014, 6), esta pesquisa vislumbra através das costuras genéricas da escrita de Jackson.

Articulando cenas-chave de suas memórias com detalhes de seus dois últimos romances — ‘Hill House’ e ‘We Have Always Lived in the Castle’ [‘Sempre vivemos no castelo’] (1962) —, imagino Jackson indo em direção a uma nova "casa", grande o suficiente para dar aos seus “eus” múltiplos e conflitantes espaço para respirar. De acordo com Marlene Kadar (1992), eu argumento que os escritos de Jackson "manifestam vários sujeitos-locais onde o ego pode habitar" (131). Ao revisar infinitamente a história de uma mulher e de uma casa, ela evoca novas subjetividades femininas "bruxas" — e mundos criativos o suficiente para abrigá-las.

[Traduzido por Demétrio M. da Silva - demetrio_max@hotmail.com]

S. Trimble is Assistant Professor at the Women and Gender Studies Institute at the University of Toronto. I engage with the critical perspectives afforded by black feminist thought, queer theory, and Atlantic counter-histories to analyze dominant narratives about apocalyptic landscapes and haunted houses—“bad” futures that both support and potentially undo conservative storytelling. My essays have appeared in scholarly journals including *The Journal of Education, Pedagogy, and Cultural Studies, Contemporary Women’s Writing*, and *TOPIA*. And my personal website, profrimble.com, includes my latest attempts to think through a self shaped by weird fictions.